

ORGANIZADORES  
LEONARDO HALLEY CARVALHO PIMENTEL  
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER

A hand holding a yellow flower against a textured wall with shadows.

# REABILITAÇÃO

## TEORIA E PRÁTICA



ASSOCIAÇÃO  
REABILITAR

PRESIDENTE BENJAMIM PESSOA VALE

# Expediente

**Direção editorial:** Ana Kelma Gallas

**Supervisão técnica:** Edson Rodrigues Cavalcante

**Diagramação:** Kleber Albuquerque Filho

**TI Publicações OMP Books:** Eliezyo Silva



## FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

P644r

PIMENTEL, Leonardo Halley Carvalho;  
CRONEMBERGER, Izabel Herika Gomes Matias.

Reabilitação: Teoria e Prática [livro eletrônico]  
/ Leonardo Halley Carvalho Pimentel e Izabel Herika  
Gomes Matias Cronemberger (Orgs.). São Paulo:  
Lestu Publishing Company, 2022.

701 f. online

ISBN: 978-65-996314-4-3

DOI: 10.51205/lestu.978-65-996314-4-3

1. Reabilitação. 2. Saúde. 3. Trabalhos de  
Reabilitação. 4. Habilitação. 5. I. Autor(a). II.  
Título. III. Editora. IV. DeCS.

CDD - 343.6

Índices para catálogo sistemático:

1. DeCS (Descritores na Área de Saúde) em Catálogos  
Sistemáticos = Reabilitação. Habilitação.  
Recuperação das funções humanas. Avaliação  
das deficiências humanas. Recuperação de função  
fisiológica.

"Os conteúdos dos artigos publicados são de total responsabilidade dos autores e autoras."

Todos os livros publicados pela Editora Lestu Publishing Company estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



A Lestu Publishing Company é uma editora que acredita na Ciência Aberta. Permitimos a leitura, download e/ou compartilhamento do conteúdo desta obra para qualquer meio ou formato, desde que os textos e seus autores sejam adequadamente referenciados.

## LESTU PUBLISHING COMPANY

Editora, Gráfica e Consultoria Ltda  
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis  
Bela Vista, São Paulo, 01310-300,  
Brasil.

[editora@lestu.org](mailto:editora@lestu.org)

[www.lestu.com.br](http://www.lestu.com.br)

(11) 97415.4679

Imagens da obra:  
Canva (Creative Commons)

ORGANIZADORES  
LEONARDO HALLEY CARVALHO PIMENTEL  
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER

# REABILITAÇÃO

## TEORIA E PRÁTICA



# 48

## Reabilitando com a História da Arte

Michael Jakson Furtado Amorim

A manifestação artística é indiscutivelmente uma necessidade humana; é possível identificar ao longo do tempo e através das mais diversas civilizações do planeta a presença e a força da arte, que na sua concepção atravessa e continuará atravessando gerações. Acredita-se que o fazer artístico tenha surgido na era do gelo, e depois nas pinturas rupestres, esse período também ficou conhecido como a idade da pedra lascada e se estabeleceu por volta de 40.000 a.C. Desde então tempo o homem vem criando meios de transformar, comunicar-se e expressar seus sentimentos, apontar sua percepção de mundo e os seus valores por meio das mais diversas linguagens e ferramentas do mundo da arte, onde existe um sentido para quase tudo no universo da criação, meio indispensável e de caráter simbólico, com amplitude universal, permitindo o livre acesso à subjetividade e ao nosso “eu” interior.

Através do estudo da história da arte, percebe-se como o mundo sofreu modificações, não apenas quanto às técnicas artísticas, mas também quanto à cultura, meio ambiente, política, religião e quanto à própria sociedade, mas é fato que o aconteceu no passado influencia no presente, e continuará a influenciar no futuro; dessa forma compreender o lugar do ser humano no universo e nos superar a cada dia é um desafio constante.

A Arteterapia se constitui como área transdisciplinar, na qual se une o fazer artístico à questões terapêuticas e medicinais, agregando pesquisa, teoria, prática e aplicabilidade às mais diversas situações. Segundo a *American Art Therapy* (AATA), a Arteterapia se caracteriza como

uma profissão de assistência ao ser humano, explorando problemas e estimulando potencialidades de maneira verbal e não verbal, através de objetivos distintos, atuando de maneira efetiva na prevenção, reabilitação e assistência em casos crônicos. Atua também como uma ferramenta de terapia em que se utilizam várias linguagens da arte, representando níveis da psique, materializando conscientemente conteúdos, estimulando potencialidades e quebrando barreiras e paradigmas. Assim é objetivo desse capítulo apresentar a arte terapia na história e elementos da sua contribuição nos processos de reabilitação.

## A Arteterapia na história da reabilitação de pessoas com deficiência

Em meados do século XIX, a produtividade artística passou a ser utilizada com fins terapêuticos e medicinais, no início apenas para tratar de doenças mentais, mas ao longo do tempo e através da curiosidade e pesquisa dos psiquiatras a respeito das obras artísticas feitas pelos pacientes se estabeleceu como terapia, mas até então era vista apenas como um meio de distrair, recrear e ocupar a mente dos enfermos, servindo como ferramenta que abordava o lúdico, usada como um passatempo.

Progressivamente a Arteterapia conquistou espaço e pouco a pouco obteve importantes contribuições para consolidar a sua estrutura, no campo da psicologia fica em evidência o trabalho de *Freud*, o pai da psicanálise, que defendia a proposta da imagem como meio de manifestação do inconsciente; para ele a arte não era apenas um ato criativo, mas principalmente a manifestação de um sintoma. *Jung* defendia que o paciente poderia reorganizar os seus fantasmas internos por meio da produção expressiva através da arte, convidando-os assim para desenhar e pintar os seus medos, angústias e trabalhando o uso da imagem no arquétipo coletivo. Arteterapia teve sua sistematização específica em 1941 pela psicóloga Margaret Naumburg que fundou a escola *Walden* em Nova Iorque. Acredita-se que o primeiro a usar o termo Arteterapia foi *Andrian Hill* em 1945, um artista inglês que ao ser internado por conta de uma tuberculose trabalhou artisticamente suas questões ao longo do seu tratamento e recuperação, tornando-se monitor do mesmo hospital onde se tratou.

No Brasil, em 1946 a psiquiatra Nise da Silveira foi a grande precursora e expoente do uso da arte atrelada a fins medicinais, revolucionando o campo da psiquiatria e propondo transformações na relação médico e paciente, dando importância à criatividade, simbolismo e afetividade no

tratamento dos esquizofrênicos, oferecendo diversos materiais artísticos e expressivos a fim de ter acesso ao inconsciente e inaugurando a psiquiatria interpretativa. Na década de 60 surgem os primeiros cursos de Arteterapia e sua utilização prática foi além da psiquiatria; em 1993 inicia-se a primeira especialização em Goiânia, em 1999 a primeira associação de arteterapeutas e em 2006 cria-se a União Brasileira de Associação de Arteterapeutas do Brasil, que tem como conduta normatizar e reconhecer essa profissão.

Importante ressaltar que na Arteterapia em tratamento de reabilitação não se tem como principal objetivo a beleza estética, a técnica apresentada ou o resultado final, mas principalmente é o percurso a ser seguido ao longo da reabilitação onde, cada obra produzida no atelier representa o registro, a história e muitas vezes o processo evolutivo. A linguagem através da arte possibilita um mergulho em quem realmente cada ser é, promovendo uma amplitude e facilitando busca por caminhos menos dolorosos. A arte voltada para Reabilitação pretende recuperar através de estímulos, algumas funções básicas provocadas pela doença, acidente ou lesão, assim como desenvolver parâmetros afetivos como recursos como o estudo, a expressão, a flexibilidade, originalidade ressignificação.

O setor de Arteterapia representa a parte lúdica, expressiva e artística da instituição de reabilitação, atendendo de maneira individual ou em grupo, crianças e adultos com diversas patologias como mielomeningocele, doenças neuromusculares, pacientes com AVE, doença de Parkinson e principalmente pacientes com paralisia cerebral. É interessante frisar que o atendimento terapêutico, é elaborado ao longo do processo a ser percorrido rumo à reabilitação, de maneira individual e respeitando o desenvolvimento de cada paciente, resultando em um diálogo com a produtividade do paciente e terapeuta, que pode compreender os processos de construção da obra artística com grande envolvimento das capacidades perceptivas, emocionais e criativas. A abordagem tem um efeito imediato por ser lúdica, socializadora e agregar sentimentos de acolhimento, segurança e partilha. Nesse caso o paciente exterioriza sentimentos e tem suas potencialidades ampliadas.

Através da reabilitação por meio da arte, os pacientes podem alcançar evolução na coordenação motora fina, na capacidade de preensão e no movimento de pinça, estimulando também a sensibilidade que pode estar adormecida e trabalhando as emoções em busca de equilíbrio emocional. Este é um fator muito importante, levando em consideração que, quanto maior for a autoaceitação e o desejo de superação do paciente, maior será o interesse e a segurança em querer participar de eventos artísticos, frequentar museus, teatros e cinemas. Aprofundar-



se como pessoa criadora é mais um importante aspecto da reabilitação, onde o paciente se vê inventivo e talentoso quando se depara com suas próprias obras, percebendo que sempre é possível se superar através da perseverança e trabalho em equipe, possibilitando uma evolução não apenas durante a terapia, mas como ser humano, que se enxerga capaz de entender e melhorar a si mesmo, além da oportunidade de superar os desafios da vida.

O desenho é uma poderosa ferramenta artística e terapêutica, servindo também como base para iniciação, formação e comunicação visual em planos bidimensionais e tridimensionais, facilitando o acesso da Arteterapia por conta da sua simplicidade, valor e mecanismo de manuseio. Desenhar é um ato natural da criança, podendo evidenciar de maneira intuitiva, analítica à personalidade e ao momento vivido pelo paciente. O ato de desenhar para a criança com paralisia cerebral cria uma oportunidade de se expressar e comunicar através de um meio não verbal, obtendo um percurso rápido, fácil e prazeroso. A comunicação por meio da arte possibilita um refúgio mental e uma condição ímpar para materializar o subconsciente através das imagens, grafismos, cores e uma pluralidade formas, signos e códigos.

Segundo Luquet (1927 *apud* Mèredieu, 1974), o desenho infantil possui uma relação direta com seu desenvolvimento cognitivo, estabelecendo-se em quatro etapas de evolução: realismo fortuito, que começa em média aos 2 anos de idade, na época em que acaba a fase do rabisco aleatório (*garatuja*), a criança começa a desenvolver uma comparação entre o objeto e seu desenho; o realismo fracassado se desenvolve por volta dos 3 e 4 anos, onde a criança tenta construir formas com sucessos e fracassos; o realismo intelectual, inicia-se aos 4 anos e vai se prolongar até os 10 anos, onde a criança desenha não exatamente aquilo que enxerga, mas produz aquilo que sabe a respeito do objeto a ser produzido; e o realismo visual, geralmente tem início aos 12 anos, mas é possível se identificar a partir dos 8 ou 9 anos, o desenho infantil é submetido pelas regras de perspectiva.

Na experiência em um centro de reabilitação todos os pacientes inclusive os da clínica de Paralisia Cerebral (PC) passam por uma triagem executada por uma equipe multiprofissional, quando se decide sobre o encaminhamento para o setor de Arteterapia.

No setor, cada paciente passa por uma avaliação inicial, que utiliza questionário específico, análise de um desenho do ponto de vista neurológico; o tema abordado através de um desenho de autorretrato imagem da família, com essa abordagem é possível detectar problemas

motores, neurológicos, medos, angústias e condições no uso da coordenação motora fina, capacidade de preensão e consistência do traçado. Após a análise inicial é possível se estabelecer metas, o uso de quais linguagens a serem exploradas para ajudar no tratamento, tanto na parte motora quanto psíquica, sensitiva e cognitiva.

Através da reabilitação por meio da arte e também da história da Arte, os pacientes podem alcançar uma evolução na coordenação motora fina, na capacidade de preensão e no movimento de pinça, estimulando também a sensibilidade latente e trabalhando as emoções em busca de equilíbrio emocional.

Nas atividades da arteterapia utiliza-se a história da arte como base para diversas atividades, como por exemplo: usar em uma folha de papel amassada, que representaria as paredes das antigas cavernas da era do gelo, o paciente com giz de cera produzindo seus grafismos em uma superfície rugosa e não linear. No caso do giz de cera, os pacientes com Paralisia Cerebral têm a oportunidade de viver uma dificuldade semelhante às dos homens das cavernas, pois terão de expressar seus rabiscos em uma superfície rugosa e com um material bastante simples. Esse exercício traz não só o fazer artístico, mas também a poética, pois estes primeiros artistas da humanidade queriam não apenas retratar o seu dia a dia, mas também realizavam um ritual de magia com seus desenhos.

É possível desenvolver uma identificação entre o paciente e o artista. No caso, os artistas habitualmente escolhidos são Frida Khalo, Van Gogh, Toulouse-Lautrec e Edvard Munch, que tiveram diversas dificuldades físicas e psicológicas durante a vida. Também é possível perceber um autoconhecimento por parte dos pacientes, que realizam atividades em conjunto, trocando experiências, e expressam desejos e dificuldades, dessa forma, dando asas à imaginação, em um espaço agradável e acolhedor e estabelecendo relações com colegas e orientador. Podem ter a oportunidade de olhar para si mesmos e refletir sobre suas histórias, seus sonhos e suas dificuldades

A criação de um ambiente terapêutico mais expressivo que possa dar ênfase ao fazer artístico mais poético, fortalecendo dessa maneira a autoestima dos pacientes envolvidos e desse modo criando estratégias que contribuam para uma melhor convivência com suas limitações, medos e problemas é objetivo da Arteterapia, assim como incentivar o autoconhecimento e empatia por diversos artistas que tiveram problemas similares e buscaram na arte um refúgio e uma oportunidade de minimizar os problemas. Existe relevância cultural, pois traz oportunidade de conhecer os processos artísticos, alfabeto visual (compõem os códigos e

termos usados em desenho e pintura - traço, forma, ponto, luz, cor, sombra, composição...) e incentivar a pesquisa artística para também mostrar aos pacientes que existe uma maneira de se encarar os problemas através da arte. Na verdade o trabalho do arteterapeuta faz-se ativo durante o seu próprio percurso abrindo ramificações para discussões pessoais e trocas de experiências e relatos pessoais e assim criar vínculos de conforto e segurança entre os pacientes e o terapeuta envolvido.

As sessões de Arteterapia aplicadas aos pacientes na clínica de Paralisia Cerebral devem ser divertidas, sempre com novidades inquietantes e seguindo a cronologia da história da arte. Os envolvidos farão releituras de obras famosas e trarão à tona as peculiaridades de alguns artistas que buscaram também exibir sua poética. Os exercícios são guardados a fim de se criar uma pasta com a “evolução” das atividades. Não é intenção ou objetivo formar artistas, mas buscar o incentivo à criatividade. Unir o fazer artístico da Arteterapia ou arte reabilitação atrelada à história da arte pode ser algo didático, diferente e estimulante, fazendo essa junção um processo que se torne mais lúdico, intenso e interessante. A ideia é não deixar nada repetitivo e abrir caminho para as criações individuais, assim como o conhecimento e a empatia pelos artistas.

O contato com o mundo nos proporciona nosso próprio conhecimento, e ele se inicia desde o nascimento, com as sensações, as cores que vemos, os cheiros que sentimos e sons que ouvimos. E foi isso que os primeiros homens retrataram nas paredes das cavernas. São estas as primeiras manifestações artísticas de que estamos cientes. Devemos nos lembrar do quanto a análise de um trabalho artístico pode revelar sobre seu criador, permitindo também que ele se recupere de diversos problemas ou até mesmo melhorar ainda mais suas capacidades psicomotoras durante a reabilitação. Assim é possível perceber que a arte sempre estará intrinsecamente unida às vidas, e além de promover o autoconhecimento, ela também pode reabilitar dificuldades.

Utilizando a Arte do antigo Egito como possibilidade terapêutica é possível explorar a “lei da frontalidade” - quando olhos, ombros e peito são sempre retratados de frente - era uma regra, e também era impedido o reconhecimento do artista, que não assinava suas obras e não transmitia sua personalidade nela. Após a transmissão informal deste conhecimento, o terapeuta propõe a seguinte atividade: que o paciente, utilizando pincel de cerdas tamanho 8 (oito), tinta guache e papel comum faça uma obra baseada nas artes egípcias, mas colocando-se como o faraó da imagem. Este tipo diferente de autorretrato se torna bastante interessante, pois traz ao paciente a oportunidade de usar sua criatividade, mas também valorizando

a arte da época, e permite que ele conheça melhor a si próprio e melhore sua autoestima, colocando-se, no mundo das ideias e da arte, em qualquer nível hierárquico. Mostrando aos pacientes a difícil realidade dos artistas de época que eram reprimidos, eles também podem perceber o quanto hoje podemos ter liberdade de nos expressar, de sentir e de dizer o que pensamos, demonstrando nossa flexibilidade e o que pode ser conquistado diante da vida.

O período da Grécia antiga é outra fase histórica aplicada como atividade aos pacientes com paralisia cerebral, nesse momento, o tema principal é a cultura mítica dos gregos e romanos; essas mitologias tem conjunto de ensinamentos sobre seus deuses e heróis, a natureza do mundo, as origens e o significado de seu próprio culto e práticas rituais, parte principal da religião da época. Os gregos criaram as bases para a cultura ocidental e a atividade proposta abre a possibilidade para o paciente usar sua criatividade, fazendo mosaicos baseados no mesmo tipo de arte da Grécia antiga. Esta atividade é lúdica, a mitologia desperta muita curiosidade em pessoas de todas as idades, e a busca pela beleza e por um trabalho bem feito é muito importante para um melhor desenvolvimento da coordenação motora. Juntamente com o auxílio do terapeuta, o paciente se sente recompensado ao ver sua obra pronta e perceber que seu esforço teve resultado, o que o incentiva a estar sempre buscando melhorar seu desempenho em atividades do dia-a-dia.

A colagem permite o ‘encontro’ entre diversas formas e materiais, formas que foram, muitas vezes, parcialmente destruídas e que servem, agora, a objetivos outros, a reconstrução da imagem. Isso leva a vivência de romper com o já existente para construir o que virá. Quando se juntam imagens, ou pedaços de imagens, criando algo ou dando-lhe um novo sentido, tudo tende à transformação. Romper com o antigo seria, simbolicamente falando, destruir costumes e hábitos em direção à reconstrução de algo novo na vida do indivíduo (MACIEL, CARNEIRO, 2012, p. 86).

O Impressionismo foi um movimento que surgiu na pintura francesa do século XIX. Vivia-se nesse momento a chamada *Belle Époque* ou Bela Época em português. O nome do movimento é derivado da obra “*Impressão: nascer do sol*” (1872), de Claude Monet. Uma de suas principais características é a valorização da percepção humana da cor (ARAÚJO, Márcia Melo de e BARROS, Reica, 2010, p. 53). Essa grande estima à cor

tornou suas obras com aspecto de inacabadas. Baseado nisso, uma nova atividade para ser trabalhada com os pacientes é colocá-los diante da foto de uma grande paisagem ou de uma imagem de algum dos quadros dos jardins de Monet e pedir que desenhem em papel comum com lápis de cor a paisagem. No entanto, só ficam com seu papel por 3 (três) minutos, após esse período o desenho é passado para o paciente ao lado, em sentido horário, que continua o desenho. Assim, todos participam de todos os desenhos, percebendo a importância do grupo (equipe) e trabalho de todos pode ajudar a construir algo melhor. Esta atividade aumenta o vínculo e confiança entre pares no grupo.

Outro ponto importante é que no atendimento do arteterapeuta, o paciente deve liberdade para falar e se expressar, respeitando o sigilo profissional. Todos estes processos terapêuticos podem trazer bons resultados à reabilitação, sempre adaptando as atividades a cada paciente, levando em consideração a faixa etária e a dificuldade que precisa ser superada.

Esta relação de terapia com história da arte pode ser muito produtiva e interessante, pois além de trazer para o consultório/ateliê as épocas artísticas de destaque, também faz com que os pacientes conheçam grandes artistas que também passaram por diversas dificuldades físicas e psicológicas. Um exemplo é o de *Vincent Willem van Gogh*, pintor pós-impressionista holandês, considerado por muitos um dos maiores de todos os tempos. Sua vida foi marcada por fracassos. Além da depressão e da esquizofrenia, pouco teve reconhecimento durante a vida. O trabalho de *Van Gogh* foi bastante diferente dos que eram feitos na época e ele não conseguiu superar seus problemas emocionais. Usá-lo como exemplo pode mostrar aos pacientes o quanto é importante buscar a reabilitação e a força de vontade para superar suas dificuldades e sempre lutar para crescer e melhorar suas vidas. Pode ser solicitado aos pacientes que façam releituras de suas obras, utilizando tinta acrílica, mais simples, em papel comum. Vale ressaltar que a criatividade dos pacientes sempre será colocada em primeiro plano e que cada obra (copiada) estará agregada aos sentimentos e individualidade de cada paciente envolvido. “Por meio da representação plástica, o cliente dinamiza o seu processo de cura, materializa os conteúdos do inconsciente e reconstrói os símbolos emergentes” (MACIEL, CARNEIRO, 2012)

O objetivo da terapia baseada na história da arte - tanto quanto a épocas, quanto a artistas célebres - não é o de tornar os pacientes grandes artistas, mas de proporcionar atividades mais lúdicas a eles; é interessante conhecer a cultura de outra época e a história de artistas que se parecem

um pouco com eles. Desenvolve a coordenação motora, e a autoestima também se torna ainda mais elevada quando o paciente se percebe como alguém que, aumenta bagagem cultural mesmo com as simplificadas explicações do terapeuta, e se percebe capaz de produzir algo, de conseguir olhar sua obra pronta e ter a certeza de que pode sempre melhorar e alcançar reconhecimento através do esforço. Também é importante que o terapeuta estimule o paciente a contar como se sentiu ao realizar cada uma das atividades descritas, para ter um retorno do processo e para identificar se os objetivos estão sendo alcançados.

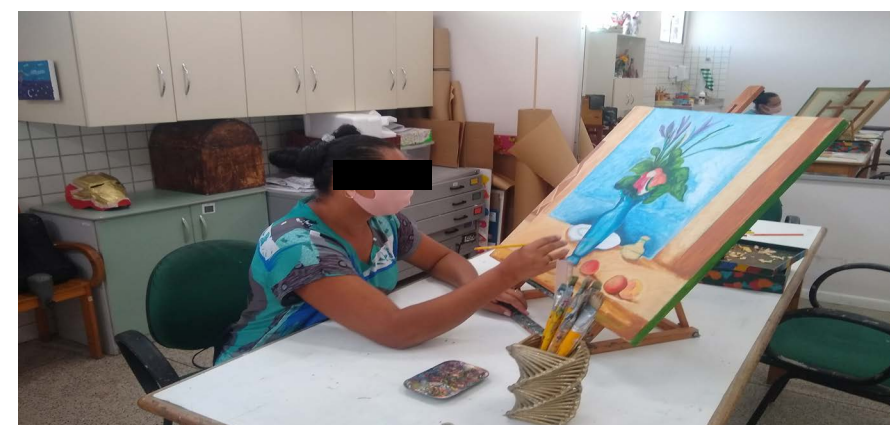
As atividades relacionadas à História da Arte buscam harmonizar conflitos internos, promover o fortalecimento da autoestima e o engrandecimento psicológico agregando estímulos capazes de fazer com que os pacientes possam através de cores, rabiscos e muitos grafismos conquistar aceitação e promover maior liberdade dentro do caminho da reabilitação física e mental

### Caso clínico na cena da Arteterapia

Paciente feminina, vítima de acidente vascular encefálico, com sequelas manuais e psicológicas, e grande dificuldade na consistência do traçado e na capacidade de preensão, movimento da pinça e no campo psicológico apresentava um quadro de tristeza, introspecção, dificuldade de socialização e comunicação.

Ingressou no setor da Arte e Reabilitação e foi inicialmente atendida em grupo adulto. Ao longo do processo terapêutico as dificuldades foram progressivamente vencidas e o acolhimento, convivência com outros

Figura 1: Paciente executando atividade com tinta acrílica.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2: Paciente fazendo releitura com tinta acrílica da obra do artista Claude Monet.



Fonte: Arquivo pessoal

pacientes, dinâmicas e o uso da história da Arte em parte das atividades passaram a ilustrar o processo de reabilitação, e que muitas dessas atividades produzidas serviram de inspiração para outros pacientes, alguns desses registros arteterapêuticos passaram a ser exibidos em exposições de Arte e na decoração permanente da instituição (Figuras 1 e 2).

O gosto pela pintura foi crescente, os sinais de evolução cada vez mais evidentes, além de melhora de humor, capacidade de expressão, envolvimento com outros pacientes e criação de vínculos na terapia. A paciente através da Arte e da sua história também adquiriu novos conhecimentos na área e dessa maneira passou a usar as atividades da arteterapia no seu dia a dia, conquistando assim melhor qualidade de vida.

## Considerações finais

A arte amplia os horizontes do ser humano e seus benefícios para saúde mental e física não podem ser mensurados de forma objetiva. O arteterapeuta tem papel importante na equipe de reabilitação com atividades que melhoram função motora, coordenação, destreza, e também a esfera cognitiva, além de promover socialização. A História da Arte pode e deve ser trabalhada neste contexto, com benefícios amplos para a pessoa com deficiência e percebidos por toda a equipe.

## Referências bibliográficas

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação:** psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, R. X. **Educação especial por meio da arte.** In: Ministério da Educação e do Desporto. Integração, v. 7, n. 19, p. 64-9, 1997.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com idosos: ensaios e relatos.** Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

FAGALI, E. Q. Arte, terapia e a transição: entre linguagens expressivas no contexto de saúde. In: **Arte medicina**, p. 75, 2005.

FERREIRA, A B H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FISCHER, H. **A necessidade da arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FONTES, O. L. **Além dos sintomas:** superando o paradigma saúde e doença. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1995.

FRANCISQUETTI, Ana Alice. **Arte medicina.** São Paulo: Livraria Médica Paulista, 2005.